



Memória e Comunicação na Preservação Cultural do Distrito Canela - Palmas/To¹

Verônica Dantas Meneses²

Curso de Comunicação Social/UFT

Aldenes Lima da Silva³

Curso de Comunicação Social/UFT

Resumo

O presente artigo busca mostrar as ações que a Comunidade Canela, em Palmas/Tocantins, está desenvolvendo a fim de resgatar a memória e a cultura do antigo Distrito, extinto com a formação do lago da usina hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, em 2001, e cuja adaptação à vida urbana ainda está em processo. Partiu-se da hipótese de que a comunicação, tomada num aspecto mais amplo que engloba as manifestações espontâneas (religiosas, festivas, lúdicas), pode contribuir para esta rememoração sobretudo para a mobilização da comunidade em torno de suas origens e da formação de uma identidade e pertencimento capazes de ajudar na solução dos problemas de adaptação à nova vida.

Palavras-chave: comunicação; modernidade; cultura; memória coletiva.

Introdução

O presente artigo mostra como a comunidade do antigo Distrito Canela vem observando a comunicação como resgate da identidade cultural, desde que o distrito foi extinto em decorrência da formação do Lago da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, no final do ano de 2001, em Palmas/TO, a fim de ampliar a participação dos seus moradores em torno dos seus problemas atuais e conseguir apoio da institucionalidade pública e visibilidade da sociedade.

A cultura do Distrito vem sofrendo dispersão desde que a comunidade saiu do local de origem e teve que conviver com um meio urbano e suas exigências. Pretendeu-se aqui não elaborar uma bula de como se preservar uma cultura, sobretudo levando-se em conta o caráter de mudança inerente a ela, mas apenas mostrar ações efetivas que demonstram a importância da cultura e por outro lado resgatar um pouco da história do

¹Trabalho apresentado ao NP de Folkcomunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Jornalista, mestre em Sociologia pela UFS e doutoranda em Comunicação pela UnB. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins. veronica@uft.edu.br.

³ Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Tocantins.



Tocantins e da importância do distrito para a região na condição de berço da Capital tocaninense.

Ao iniciar a pesquisa, partimos de duas hipóteses: A primeira de que os membros da comunidade não estão conseguindo manter vínculos identitários no que diz respeito sobretudo à preservação e cultivo de festas e eventos religiosos que regiam a cultura no seu lugar de origem; em outras palavras, a mudança de local acarretou outras conseqüências no modo de vida que afetaram significativamente a relação entre os seus habitantes e o compartilhamento dos antigos valores. A segunda, de que a comunicação e suas mais variadas manifestações podem ser aliadas neste processo de memorização e manutenção dos valores ainda existentes, buscando, nesse sentido, um processo de resgate da relação de comunidade dentro dos remanescentes do Canela e a ampliação dessa memória para outras pessoas, explicitando valores como identidade e cidadania, que poderão contribuir para um novo sentimento de pertença dessa comunidade ao grupo. Nesse sentido, a revisitação da memória do distrito tem a função de entender e incorporar ações do passado que possam ampliar a atuação da comunidade frente aos seus problemas atuais, sob o viés do conceito de memória seletiva (WILLIAMS, 1980).

Cultura e Modernidade

Com a modernidade, novas condições sociais passam a existir e reger a vida das pessoas. Conforme Giddens (1990), podemos resumi-la em dois níveis que se justapõem “uma sociedade de consumo e uma sociedade de informação”.

Para o autor, a modernidade é a principal aliada da produção capitalista. E essa “exige uma constante mudança para a ordem e avanço”. E justamente neste ponto é que a modernidade influencia diretamente as identidades culturais. Este quadro acima é definido por Stuart Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2002, pp 9).

Para Stuart Hall, esta mudança estrutural causa no indivíduo o que ele chama de “crise de identidade”, decorrente de uma série de fatores que resultaram do processo de



modernização. Apesar de muitas mudanças que a modernidade causou nas culturas principalmente no século XX, muitos autores, como Fraz Boas (1858-1949, Apud. RODRIGUES, 1993), da Escola Cultural Americana, acreditam que “cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentam”. Em outras palavras, valores e ritos são revestidos de novas significações.

Como se nota, a cultura por si só possui uma força capaz de se sobressair, embora perdendo algo de sua essência, entretanto, formando novas identidades “híbridas”, uma miscigenação de costumes e hábitos que são misturados com as quebras de fronteiras a partir da idéia de uma sociedade global. Para Canclini (1998) “os países latino-americanos são atualmente resultados da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (...) do hispanismo colonial católico e das ações políticas, educativas e comunicacionais modernos”. Apesar de Canclini acreditar que a hibridização é inevitável na América Latina, o autor acredita que a tradição e o moderno podem ser combinados sem conflitos, quando a tradição preocupa-se com a cultura e o moderno com os problemas sociais e econômicos.

A concepção de Canclini casa com a idéia de Ortiz (2000) quando acredita que ao contrário do capitalismo, que existe e influencia da mesma forma todas as civilizações, a cultura mantém as particularidades adjacentes de cada povo. E pelo fato de a modernidade contemplar uma organização social imbricada pela estrutura econômica, as novas configurações da cultura podem estar vinculadas à própria subsistência (ROCHER, 1971), contudo, é essencial no momento de se manter vínculos, importantes para definir a forma de atuação das pessoas em sociedade.

Distrito Canela: berço da capital do Tocantins

O povoado Canela surgiu no século XIX, com a chegada da família Batista, o senhor Olímpio Batista de Araújo e senhora Maria de Albuquerque, fundadores do povoado. Mais tarde começou o crescimento com a chegada das famílias Lima e Santana. De acordo com Joana Batista de Araújo, a dona Noca, neta do senhor Olímpio (*in memorian*), os avós olharam as terras e viram que as mesmas eram boas para construir casas e plantar e como não havia outros habitantes, mudaram-se para o local que chamaram de Canelinha, mais tarde batizado por todos de Canela. O nome, segundo



dona Noca, “é por causa que vinha muitas vacas pastar aqui e eram vacas caneludas”, diz.⁴

No início, os moradores eram poucos e o crescimento da população veio de casamento entre parentes. Dona Noca, por exemplo, casou-se com um tio paterno, o senhor Daniel Batista. Desta forma, a comunidade era formada em sua maioria por membros de uma mesma família.

O crescimento do povoado tomou novo impulso com a instalação de Palmas, da qual se tornou distrito e se tornou base de lazer para grande parte da população que veio habitar a mais nova Capital do Brasil, tendo em vista que era situada às margens do Rio Tocantins, assim como uma opção de moradia para as pessoas que gostavam de ficar mais próximas da natureza. Outro momento de crescimento foi com a chegada de pessoas que sabiam da indenização de casas feita pela Investco, empresa responsável pela construção da Usina e foram instalar-se lá com o intuito de lucrar com a venda das terras. De acordo com dona Maria de Lourdes Abreu Lima, professora e presidente da Associação dos Moradores, esta foi uma época de intensa movimentação de pessoas no vilarejo, a população quase triplicou. O povoado Canela tinha sua particularidade na simplicidade de suas coisas e de sua gente. Segundo pesquisa de campo, todos os moradores viviam de forma mais harmônica, visto que eram todos de uma mesma família. A arquitetura local era rústica, feita em sua maioria de alvenaria, mas com algumas de cobertura de palha e paredes com enchimento de barro ou madeira. Essas residências não possuíam muros, somente os prédios públicos tinham esta demarcação. A economia era de subsistência onde se plantava o que comia, graças às vazantes do Rio Tocantins.

Um dos traços mais fortes da cultura do povoado Canela era a religiosidade que reunia a comunidade para festejar os santos responsáveis pela vida e o bem estar. O festejo mais tradicional é a festa do Divino, comemorada no mês de julho. A festa do Divino começou em 1947 com Daniel Batista, que fez a primeira festa sozinho e com ausência de personagens tradicionais do ritual, como a rainha, o capitão e o imperador. Após esta data o festejo foi ganhando corpo e maior participação da comunidade chegando a mobilizar jovens, adultos e crianças, e até foliões de municípios como Porto Nacional, Tocantínia e Lajeado. Com o passar do tempo o povoado foi aglomerando foliões dos municípios vizinhos para as danças que também eram tradição entre os

⁴ Entrevista exclusiva para trabalho de conclusão de curso realizada em agosto de 2005 por Aldenes Lima da Silva.



moradores: a sússia e a catira. Dona Noca também se recorda das rodas de São Gonçalo, santo ao qual confiavam a proteção das mulheres durante o trabalho de parto.

De acordo com dados do Almanaque do Tocantins (2000), o povoado localizava-se à margem direita do Rio Tocantins a 10 Km do centro de Palmas com uma área territorial de 70 alqueires. Em sua infra-estrutura, além das casas simples dos moradores, havia um posto telefônico, escolas municipais e estaduais, um posto de saúde, uma igreja católica e o barracão de palha, conhecido como barracão da esperança.

O barracão de palha foi escolhido pelo então governador Wilson Siqueira Campos, após a instalação do Governo Estadual, para sediar a reunião que decidiu onde seria instalada a Capital do Estado. Várias autoridades estiveram no dia 22 de janeiro de 1989 decidindo os próximos passos para o futuro do Tocantins. “Eles passaram o dia inteirinho aqui, a gente fez arroz, carne e muito café pra eles. Suamos para dar conta daquele tanto de gente. Veio os filhos tudo, os amigos deles e outras gentes”, recorda dona Noca.

Após a reunião, o Canela passou a ser ponte de apoio para as pessoas que vieram trabalhar na construção civil. Essas pessoas tinham no povoado uma opção de lazer e de refúgio nos finais de semana, visto que o mesmo era o local mais próximo onde residiam famílias já habituadas ao local. A população do Canela viu Palmas nascer com a celebração da primeira Missa (para a qual dona Noca e seu Daniel foram convidados especiais, como os primeiros moradores de Palmas), e crescer ao longo dos anos com as obras luxuosas até antes não conhecidas por boa parte dos moradores, até a chegada do “progresso”⁵ que acabou por ocasionar sua extinção.

Mais tarde, após Palmas estar consolidada, o povoado era passagem de turistas que iam se divertir na Praia da Graciosa, quando a mesma surgia nas temporadas de férias às margens do Rio Tocantins. Durante o restante do ano, os moradores da capital se refugiavam nas piscinas do balneário Pratinha, que recebeu esse nome por localizar-se às margens do córrego Prata.

Na época de praia, os moradores do povoado aproveitavam para aumentar suas rendas, trabalhando em construções de barracas de praias, pinturas de barcos, como canoieiros na travessia do rio, como cozinheiros e garçons. Os moradores também

⁵ Para a população do pequeno vilarejo, a instalação da Capital significava uma esperança de melhorias e o fim do esquecimento e do descaso que sofriam enquanto Norte de Goiás.



forneciam a Palmas mandioca e hortaliças, como coentro, cebolinha verde, alface, couve e pimenta de cheiro.

Também faz parte da história do Canela a passagem da Coluna Prestes⁶, que aconteceu por volta de 1925. O fato é lembrado por todos com orgulho tornando-se um marco na história do povoado.

Pessoas do Canela: O povoado foi construído por pessoas de aquisição financeira limitada, mas de grande criatividade. No decorrer dos anos, os destaques foram surgindo à medida que a convivência e a determinação do povo se mostrava. Entre eles dona Noca, dona Maria de Lourdes e o senhor Nascimento da Rabeca.

Dona Noca é a forma com que, carinhosamente, os moradores da comunidade chamam a pessoa que respeitam como matriarca. Seu nome é Joana Batista de Araújo, ela nasceu em 24 de julho de 1914. Era a moradora mais antiga ainda em vida, ao iniciarmos a pesquisa, a mesma faleceu no dia 31 de janeiro de 2006. Ela foi testemunha ocular dos grandes acontecimentos que marcaram o povoado. Estava quando ocorreu a passagem da Coluna Prestes, na inundação do povoado devido à cheia do rio Tocantins e viu também a reunião entre as lideranças do Estado para a definição do local onde hoje é Palmas.

Ela vivia sob os cuidados dos filhos, mas recebia o carinho de todos os antigos moradores e tendo o respeito até dos mais novos integrantes da comunidade. Hoje, até as crianças já conhecem a importância que ela tem para a história do povoado e para a vida de muita gente pra quem ela já foi até curandeira.

Outra moradora respeitada pela comunidade é Maria de Lourdes; nasceu no Distrito e foi a primeira professora da Escola Municipal Daniel Batista, local onde trabalhou até o seu alagamento. No processo de indenização dos moradores, Maria de Lourdes foi uma das principais intermediadoras, visto que ocupava na época o cargo de presidente da associação de moradores do extinto distrito. Proprietária do Barracão da Esperança, é admirada por todos da comunidade pelo esforço que sempre mostrou ter quando se tratou da instrução e do incentivo aos estudos de todas as crianças, adolescentes e adultos.

⁶ Movimento revolucionário liderado pelo Coronel Luis Carlos Prestes na década de 1920. Cerca de 1.500 homens lutaram por dois anos e três meses num percurso de cerca de 25.000 km. No percurso a Coluna esteve no antigo Norte Goiano como mostra o texto de Liberato Póvoa: “Depois de demorar-se alguns dias em Arraias, onde foi recebida com banda de música e missa campal, demora-se pouco em Natividade, sob o mesmo clima de compreensão, e segue para Porto Nacional, passando assim pelos espaços geográficos da hoje capital Palmas. Acompanha o Tocantins até Pedro Afonso e, endireitando-se, para o Maranhão, deixa o Goiás” (PÓVOA, 1999, pp. 76).



O senhor Raimundo Nascimento de Aguiar, nascido em 1924, em Taquara, município de Santa Filomena, no Estado do Piauí, é outro membro de importância para a memória do povoado. Veio para o norte de Goiás aos oito anos de idade. Aprendeu com o pai a fabricar e a tocar a rabeca, instrumento musical que se anexou ao seu nome, formando o nome artístico do músico que ficou conhecido a partir das festas realizadas no povoado Canela. Nascimento da Rabeca foi símbolo da 1ª Fecoarte (Feira de Artesanato, Folclore e Comidas Típicas do Tocantins) e viveu durante muitos anos no Canela. Morreu aos 72 anos. O artista tem o respeito e um lugar na memória do povo canelense, pois muitos aprenderam a dar os primeiros passos de danças ao som de sua rabeca em improvisados bailes no vilarejo.

O adeus ao povoado: Para muitos moradores, sair do Canela foi uma oportunidade de crescimento financeiro e possibilidades de oferecer maior conforto à família. Apesar de muitos seguidores, essa opinião não supera a das pessoas que viram na mudança do Canela para o centro de Palmas uma despedida difícil e um processo de adaptação trabalhoso, tanto para as crianças, como para os mais idosos. Para as crianças, as brincadeiras até tarde pelas ruas do distrito, a diversão nas peladas em meio ao sol da tarde ignorado pela euforia de poder brincar, hoje são recordações. Para os idosos, a conversa na calçada até mais tarde, o clima mais fresco e a arborização local mudaram a qualidade de vida que tinham. Hoje, a maioria deles se vê obrigados a permanecer trancados nos quintais, com muros em volta das casas.

Dona Noca, personalidade de quem já falamos anteriormente, pelos relatos foi uma das pessoas que mais sofreu com a desapropriação e a mudança. Na ocasião de sua mudança, alguns moradores recordam a cena da matriarca em meio a lágrimas, abraçada a uma mangueira no fundo do quintal, árvore que ela mesma plantou, viu crescer e que alimentou seus filhos durante muitos anos. Assim como ela outros moradores também sentiram ao ter que deixar para trás o trabalho de toda uma vida dedicado a um lugar e a um modo de viver voltado exclusivamente para a subsistência familiar e comunitária. Pois muitos não tinham mais do que a preocupação da alimentação e do remédio, uma vez que a educação básica já era oferecida aos mais jovens, de forma gratuita, embora a precariedade de estrutura e as dificuldades na aquisição do material escolar.

Comunicação e memória como mobilização Social

Partimos do princípio de que a comunicação pode ser uma forte aliada no processo de preservação da cultura desta comunidade. Entretanto, por meio da

observação daquela comunidade, entrevistas e coleta de material produzido por eles, percebeu-se que faltam recursos, apoio de organismos mais influentes, engajamento e estratégias definidas para um processo de mobilização da comunidade a partir da comunicação. Nesse sentido, algumas ações de resgate da história do povoado estão sendo feitas por alguns de seus antigos moradores. Vejamos algumas das formas de mobilização em quatro momentos: os festejos religiosos-profanos, atividades esportivas, atividades lúdico-artísticas e meios de comunicação popular.

Festejos

Através das mudanças nas vidas e nas memórias é possível trabalhar um processo de mobilização coletiva. Segundo a professora Maria de Lourdes, ex-moradora do distrito, os esforços em se fazer a mobilização em busca da preservação cultural da comunidade são muitos mas por parte de poucos, entre estes os mais antigos, pois, segundo ela, a interação e envolvimento de antes foram perdidos.

As manifestações religiosas têm constituído o ponto fundamental de identidade da comunidade, esta tratada por Castells (1999, pp. 29) como “uma das mais importantes fontes de construção de identidade na sociedade” devido a grande mobilização e os sentimentos de crença e de fé que a religião tem na vida da maioria dos indivíduos nos dias atuais. Maria de Lourdes avalia os festejos:

Apesar das dificuldades, que são muitas, a gente tem buscado durante estes quatro anos que moramos aqui nunca deixar de festejar o Divino, porque é uma identidade nossa. No primeiro ano tivemos uma dificuldade em organizar a festa, porque não tínhamos espaço físico; então realizamos só uma missa. Já no segundo ano, realizamos novamente uma missa e a quantidade de pessoas triplicou. No terceiro ano tivemos o rei, a rainha e o capitão do Mastro. Este ano, nós realizamos praticamente igual ao que realizávamos no povoado. É claro que tem algumas coisas que não dá para imitar de igual forma, mas tentamos manter tudo da mesma forma na medida do possível. Afinal esta é uma festa que começou com uma brincadeira e acabou virando tradição e já se repete há 59 anos em nossa comunidade (MARIA DE LOURDES, entrevista concedida em 27 de julho de 2005).

Outro momento de reunião é a festa de Santa Terezinha, padroeira do Canela. A celebração acontece sempre nos primeiros 15 dias do mês de outubro e no ano de 2005 foi celebrada com uma missa no dia 1º do mês. A festa continua como parte do calendário cultural do Canela, data arquivada na memória dos moradores, pois os festejos no antigo povoado movimentavam em torno de 200 pessoas por noite.



Nota-se a preocupação em manter certos traços que identificavam o povoado Canela, ao tempo em que se nota novas necessidades, como a maior divulgação do evento não só em forma de mobilização da comunidade, mas também dos demais públicos. Para Dona Lourdes, o ponto mais forte da Folia do Divino depois que a comunidade mudou para o centro da Capital, é o esforço que cada “filho do Canela” (termo usado por ela) tem demonstrado em ajudar na organização. Alguns moram em Porto Nacional, outros em cidades e chácaras vizinhas, mas na última edição dos festejos fizeram questão de colaborar, mostrando que a religião, na comunidade do Canela, ainda é o principal foco de interação entre os moradores e a coletivização em prol do resgate desta identidade pode partir daí. É desse objetivo comum já identificado, de reconhecimento e emancipação, que se poderia partir um trabalho mais acentuado de comunicação comunitária (URANGA, 1989).

Atividades esportivas

Embora a professora fale da mobilização da comunidade em geral, ela só acontece a partir de iniciativas de sua família, como do seu irmão Tarciso Jesus Abreu Lima. Assim como a irmã, ele é professor e tenta usar seus conhecimentos para ajudar a comunidade, em uma atividade que faz voluntariamente há anos. Tarciso coordena uma escolinha de futsal que ele mesmo criou ainda no distrito. Segundo ele, o esporte sempre foi um forte na comunidade do Canela.

Nós trabalhávamos lá com cerca de 30 crianças da própria comunidade. Além do futsal haviam outras modalidades como peladas de futebol, por exemplo. Não sei se você sabe, mas do Canela saíram vários jogadores que hoje se destacam em competições pelos times profissionais de todo estado. Aqui a gente quis montar a escolinha, mas preferiu ficar apenas com o futsal, não tenho muito tempo e agora não buscamos mais só o lazer das crianças, mas o ensino à disciplina e a sociabilização com o restante da comunidade. Trabalhamos atualmente com 50 crianças. Essas vêm de várias quadras da Capital, os pais conhecem nosso trabalho e apostam num bom desempenho do filho enquanto atleta e cidadão. (TARCISO LIMA, entrevista concedida em agosto de 2005).

A sociabilização com toda a comunidade e até com crianças de outras quadras da Capital, de que fala Tarciso, é outro critério importante para a mobilização coletiva de que a comunidade precisa para reestruturar sua identidade. O envolvimento das crianças do Distrito reforça os valores identitários; e o contato com outras, vindas de outras quadras, oportuniza um momento de divulgação dos seus princípios e hábitos.



A escolinha atual é um reflexo da importância dada ao esporte dentro do extinto Distrito, de acordo com Tarciso, a base do primeiro elenco do time do Palmas Futebol e Regatas foi tirada quase toda de dentro do Canela. São valores como este que o professor tenta passar aos pais que participam das reuniões semanais feitas por ele, para avaliar o desempenho do aluno dentro da quadra, na escola e em casa. Os resultados da escolinha de Tarciso são visíveis, o time treinado por ele já participou de competições em vários estados, como o Pará, e em várias cidades do Tocantins. A equipe é a segunda da Capital em títulos e destaques. Em todos os lugares que a criançada joga o nome do Canela sempre é citado como forma de valorização.

Atividades lúdicas e artísticas

Outro membro da família que também procura contribuir para a preservação da cultura local é Marilúcia Abreu Lima, bibliotecária da Escola Municipal Daniel Batista. A estudante de pedagogia da Universidade Federal do Tocantins é responsável por um trabalho desenvolvido também com crianças e adolescentes. Nas atividades estão: música, dança, poesia, pintura, costura, bordados, crochê e teatro. Os temas são variados, mas todos voltados a causas sociais que envolvem a comunidade e a sociedade como um todo nos dias atuais.

As atividades coordenadas por Marilúcia também já existiam no vilarejo e contavam com uma participação especial das senhoras mais idosas, que passavam seus conhecimentos aos pequenos aprendizes. Segundo a bibliotecária, ao serem transferidos para o local onde residem atualmente, a empresa responsável pelo pagamento das indenizações e pela providência de um novo local para a comunidade viver, dava um suporte, junto com o programa Pioneiro Mirim do Governo do Estado, em aulas das oficinas que ensinavam um pouco de tudo às crianças e adolescentes atendidas. A empresa pagava o salário dos profissionais que davam as aulas e patrocinava também os materiais utilizados pelos alunos nas organizações de peças teatrais e outras datas especiais.

Com a falta de apoio da empresa e de órgãos competentes, Marilúcia resolveu ocupar-se de atividades que resgassem o interesse das crianças pela arte do antigo povoado, ao mesmo tempo em que lhes ensinasse um pouco de responsabilidade social. Esta responsabilidade social é ensinada de acordo com Marilúcia, nas peças teatrais que trazem como temas: o Dia Mundial da Água, 7 de Setembro, Dias das Mães, Dia dos Pais, Páscoa e ainda assuntos como as drogas, a gravidez precoce, dengue e aids.



O diferente do povoado para cá, é que antes a comunidade tinha mais tempo para participar e nos ajudar. As relações lá eram mais intensas, agora todo mundo segue um ritmo diferente, além da dificuldade de reunir a comunidade, ainda tem a questão da escola que não está se envolvendo. Toda vez que mudamos de coordenadora é como se começasse tudo outra vez. Esse ano, por exemplo, só conseguimos realizar um único evento, que foi o de declamação de poesias. Participaram das atividades 30 alunos, estes estudaram durante um mês sobre os poetas palmenses e declamaram suas poesias num concurso que teve como júri, membros da Academia Tocantinense de Letras (MARILÚCIA, entrevista concedida em agosto de 2005)

Essas atividades poderiam ser intensificadas e divulgadas. Pois, mesmo em meio a dificuldades de adaptação e de mobilização, as crianças do distrito vão tendo noção do que foi o Canela e buscando manter viva sua identidade. Nos quadros pintados pelos alunos da escola Daniel Batista, algumas paisagens do antigo Canela são lembradas e retratadas. Em poesias de suas autorias, alunos tentam expressar o sentimento de saudade e de pertencimento há um lugar encoberto pelo leito do Rio Tocantins.

Entre tantas produções que os alunos já fizeram nestes 4 anos, está um livro, feito de forma coletiva, onde a história do Canela vem de forma resumida, mas com detalhes ricos e precisos sobre o que foi e o que representa para cada um deles. O livro produzido por eles, não saiu das prateleiras da biblioteca da escola, assim como as poesias feitas pelos mesmos também não passaram de adornos para as paredes. Percebe, com isso, que não existe compreensão da potencialidade da comunicação para divulgar e fazer destes recursos produzidos meios de manutenção e divulgação da cultura e da história do Canela.

Propostas da comunidade envolvendo a comunicação

De acordo com os líderes comunitários do canela, é preciso mobilizar mais os jovens, pois os mesmos participam esporadicamente ajudando de em alguns dos projetos já mencionados. Nesse sentido, o que a comunidade canelense busca são algumas referências básicas para a construção de uma base sólida de uma sociabilidade maior através dos laços familiares e religiosos que venham superar as formalidades e as individualidades que as sociedades modernas impõem através dos tempos. Segundo a professora Maria de Lourdes, as poucas pessoas que buscam fazer uma mobilização, não possuem forças suficientes para alcançar as metas necessárias que segundo ela, seriam “a comunidade local e também com os outros moradores da Capital”. A moradora diz que os apoios recebidos até agora por parte de órgãos competentes, embora pequenos, mostraram que são de grande importância. “A Fundação Cultural



ainda nos ajuda com a divulgação do festejo do Divino. É importante, porque quando sai na televisão o número de visitantes aumenta”, observou Maria de Lourdes.

Nesse sentido, observa-se que os moradores percebem a importância dos meios de comunicação de massa bem como da comunicação dirigida para a participação da própria comunidade na construção de uma interação maior.

Partindo desta visão, Maria de Lourdes acredita que o envolvimento de órgãos municipais e estaduais ligados à cultura pode ser o ponto de partida para uma mobilização mais abrangente e de maior influência e que a falta de instrumentos e recursos para fazer uma comunicação mais articulada é o grande empecilho encontrado pela comunidade.

A professora Marilúcia compartilha da mesma opinião em relação a suas atividades com as crianças da Escola Daniel Batista. Para a bibliotecária, um envolvimento maior da Secretaria de Educação já seria o suficiente para expandirem as pesquisas, a partir dos alunos, sobre a origem do povoado; e as produções seriam cada vez melhores, constantes e divulgadas.

Contudo, o principal obstáculo encontrado pela comunidade, segundo a pesquisa de campo, é conseguir fazer a mobilização coletiva em busca da memorização buscada por grande parte dos moradores. Ou seja, implementar a comunicação com vistas à participação e engajamento de todos em prol da cultura e interação dos antigos moradores. Segundo Halbwachs (1877-1945)⁷,

“Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum”.

Assim, a comunicação dirigida pode trazer esse senso comum que falta aos moradores na preservação de sua memória e história. Mas como se observa, os poucos mais engajados necessitam de estratégias para iniciar a mobilização coletiva. Assim, a pesquisa de campo corrobora com as definições expostas nos capítulos anteriores à medida que demonstra que este sentido comum buscado pelos moradores precisa ser mais compartilhado de forma que todos os envolvidos sejam partícipes do processo de mudança.

⁷ Disponível no endereço <http://www.patiao.com.br/labirinto/memoria%20coletiva.html>



Considerações finais

O processo de adaptação do povoado Canela até hoje não foi concluído, a simplicidade do povo do distrito e a importância que ele teve para a instalação de Palmas foi defasada pelas águas do Tocantins. Vimos na presente pesquisa a disposição de muitos moradores em manter viva a memória religiosa, o gosto pelo esporte, as relações com comunidades vizinhas e o conhecimento das suas origens. O cultivo do festejo do Divino e a festa de Santa Terezinha tem sido o principal momento de esforço coletivo em prol da manutenção dos laços religiosos e comunitários da vida no vilarejo.

O mini livro desenvolvido e elaborado pelos próprios alunos que nasceram no Canela é o primeiro instrumento concreto que mostra a atitude e que pode abrir caminhos para mais atividades que visem a preservação da identidade da comunidade. A mobilização da comunidade através de lideranças que conheçam a história do povoado e que realmente sejam comprometidas com as tradições locais e com a preservação das mesmas pode ajudar na elaboração de mais material sobre o Canela, na divulgação das suas tradições e, conseqüentemente, na união dos seus moradores a fim de cobrar dos responsáveis melhorias na qualidade de vida das pessoas, que hoje recorrem a supermercados para fazer suas compras, estão em busca de empregos no meio urbano entre outros problemas como problemas na estrutura das casas e das quadras para onde foram transferidos. A partir desta mobilização surgem as relações sociais capazes de manter tradições e de construir realidades diferentes.

Nesse sentido, aponta-se para o desenvolvimento de mídias comunitárias que auxiliem na recuperação de uma parte da história e da vida deste povo. Este é um trabalho necessário. Segundo Castells (1999, pp.79) “as pessoas se socializam e interagem em ambiente local, seja ele a vida, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos”. Assim, segundo Marcio Henriques (2004), poderá ser alcançada uma coletivização “pelo sentimento e certeza de que não se está sozinho na luta pela mudança”.

Referências Bibliográficas

ALMANAQUE CULTURAL DO TOCANTINS: Memórias do Canela; v 8. Palmas: Secult, 2000

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa** São Paulo: FTDSA, 1998

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Ed. USP, 1998



- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: (a era da informação: economia, sociedade e cultura;** v1). São Paulo: Paz e Terra, 1991
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** . São Paulo: Unesp, 1991
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** ; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro, 1999
- HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. In: <http://www.patio.com.br/labirinto/memoria%20coletiva.html>. Capturado em 15/02/2006
- HONÓRIO, Erotilde. **Comunicação, Memória Coletiva Movimento Popular**. In: www.adevento.com.br/intercom/programacientifico3.asp?atvcod=NP124. Capturado em 09/09/2005
- HENRIQUES, Marcio Simeone (org). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999
- LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática, 1998
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1998
- MELO, José Marques de (org). **Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise**. Campinas, SP: Papirus, 1989
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000
- PÓVOA, Liberato. **História didática do Tocantins** . Goiânia: Kelps, 1999
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998
- ROCHER, Guy. **Sociologia geral**. Lisboa: Ed. Presença, 1971
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: presença, 1993
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura. A comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996
- URANGA, Washington. *Utopia e realidade na comunicação popular*. In: MELO, José Marques de. **Comunicação na América Latina**. Campinas- SP: Papirus, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y Literatura*. Barcelona: Ediciones Península, 1980